

LABIRINTO
DO
FAUNO

Guillermo del Toro
Cornelia Funke

LABIRINTO DO FAUNO

ILUSTRAÇÕES
Allen Williams

TRADUÇÃO
Bruna Seber



Copyright do texto © 2019 by Guillermo del Toro and Cornelia Funke

Copyright das ilustrações © 2019 by Allen Williams

Publicado nos Estados Unidos em 2019 por Katherine Tegen Books,
um selo da HarperCollins Publishers

Publicado no Reino Unido em 2019 por Bloomsbury Publishing Plc

TÍTULO ORIGINAL Pan's Labyrinth: The Labyrinth of the Faun

PREPARAÇÃO Nina Lopes

REVISÃO Marcela de Oliveira e Rayana Faria

PROJETO GRÁFICO E LETTERINGS Antonio Rhoden

DIAGRAMAÇÃO Inês Coimbra

DESIGN DE CAPA Sarah J. Coleman e Joel Tippie

IMAGEM DE CAPA Sarah J. Coleman

ADAPTAÇÃO DE CAPA Antonio Rhoden

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Fg78L

Funke, Cornelia

O labirinto do Fauno / Cornelia Funke, Guillermo del Toro ;
[ilustração Allen Williams] ; tradução Bruna Beber. - 1. ed. - Rio de
Janeiro : Intrínseca, 2019.

320 p. : il. ; 23 cm.

Tradução de: Pan's labyrinth : the labyrinth of the faun
ISBN: 978-85-510-0519-4

I. Romance mexicano. I. Toro, Guillermo del. II. Williams,
Allen. III. Beber, Bruna. IV. Título.

19-56776

CDD: 868.99213

CDU: 82-31(72)

Vanessa Mafra Xavier Salgado – Bibliotecária – CRB-7/6644

[2019]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br





*Para Alfonso Fuentes e seus homens,
que salvaram do fogo minha casa, minhas memórias,
meus cadernos e meus burros.*

— C.F.

*Para K,
a solução de todos os enigmas, a saída do Labirinto.*

— G.D.T.





SUMÁRIO

Prólogo 11

I. A floresta e a fada 13

II. Todas as formas do mal 19

III. Só um rato 25

IV. Uma rosa na montanha sombria 27

V. Pais e filhos 35

a promessa do escultor 45

VI. No labirinto 53

VII. Dentes afiados 63

VIII. Uma princesa 69

IX. Leite e remédios 75

o labirinto 83

X. A árvore 91

XI. As criaturas da floresta 95

XII. O Sapo 97

XIII. A esposa do alfaiate 103

o moinho sem lago 113

- XIV. Fique com a chave 119
XV. Sangue 123
XVI. Uma canção de ninar 129
XVII. Irmão e irmã 133

o relojoeiro 137

- XVIII. A segunda tarefa 143
XIX. Uma caverna na floresta 147
XX. O Homem Pálido 151
XXI. Sem escolha 163

a navalha e a faca 169

- XXII. Os reinos da morte e do amor 175
XXIII. O único modo honrado de morrer 181
XXIV. Más notícias, boas notícias 189
XXV. Tarta 195

o encadernador 201

- XXVI. Apenas duas uvas 209
XXVII. Despedaçado 213
XXVIII. Magia não existe 217
XXIX. Um tipo diferente de homem 223

quando o fauno se apaixonou 229

- XXX. Não a faça sofrer 235
XXXI. O gato e o rato 241
XXXII. Não é nada 247
XXXIII. Apenas uma mulher 253



*o alfaiate que fez
um acordo com a morte* 263

xxxiv. Última chance 269

xxxv. O Lobo ferido 273

xxxvi. Irmã e irmão 277

o eco do assassinato 283

xxxvii. A última tarefa 287

xxxviii. O nome do pai 295

o sobrevivente 299

xxxix. A volta da princesa 305

Epílogo: Pequenos vestígios 309

“Os tesouros que trazemos dos labirintos”,
por Cornelia Funke 313

Sobre os autores 315

PROLOGO

Dizem que há muito, muito tempo, uma princesa vivia no Reino Subterrâneo, onde não havia dor nem mentiras, e sonhava com o mundo dos humanos. A princesa Moanna sonhava com um céu azul perfeito e um mar de nuvens infinito; sonhava com o sol, a grama e o gosto da chuva... Um dia, a princesa fugiu dos guardas e chegou ao nosso mundo. O sol logo apagou todas as suas lembranças, e ela esqueceu sua identidade e seu lugar de origem. Vagou pela terra com frio, com dor, doente. Até que, enfim, morreu.

Seu pai, o rei, nunca desistiu de procurá-la. Sabia que o espírito de Moanna era imortal e esperava algum dia reencontrar a filha.

Em outro corpo, em outro momento. Talvez em outro lugar.

Ele esperou.

Esperou até seu último suspiro.

Até o fim dos tempos.



- I -

a floresta e a fada

Era uma vez uma floresta no norte da Espanha, um lugar muito antigo que guardava histórias longínquas já esquecidas pelos homens. As árvores, tão profundamente ancoradas na terra lodosa, trançavam as raízes nos ossos dos mortos e alcançavam as estrelas com os galhos.

Tantas coisas perdidas, murmuravam as folhas quando três carros pretos desceram a estrada de terra batida que passava entre as samambaias e os musgos.

Mas todas as coisas perdidas podem ser reencontradas, sussurraram as árvores.

O ano era 1944, e a menina sentada em um dos carros, ao lado da mãe grávida, não entendia o sussurro das árvores. Seu nome era Ofélia, e ela conhecia bem a dor da perda, embora tivesse apenas treze anos. Seu pai tinha morrido havia um ano, e Ofélia sentia tanta saudade que às vezes seu coração parecia uma caixa vazia que ecoava sua dor. A menina sempre se perguntava se a mãe também sentia o mesmo, mas não encontrava a resposta no rosto pálido dela.

“Pele branca como a neve, face rubra como o sangue, cabelo preto como o carvão”, dizia o pai de Ofélia quando olhava



para a mãe dela, a voz cheia de ternura. “Você se parece muito com ela, Ofélia.” Perdida.

Estavam fazendo horas na estrada, cada vez mais distantes de tudo que Ofélia conhecia, entrando profundamente naquela floresta infinita, para encontrar o homem que a mãe havia escolhido para ser o novo pai da menina. Ofélia o chamava de Lobo e não queria pensar muito nele. Mas até as árvores pareciam sussurrar aquele nome.

A única lembrança de casa que Ofélia levou foram alguns dos seus livros. Ela segurou um deles com firmeza no colo e acariciou a capa. Ao abri-lo, as páginas brancas reluziram em contraste com as sombras da floresta, e as palavras que saltaram dele ofereceram conforto e refúgio. As letras eram como pegadas na neve, uma paisagem vasta e clara intocada pela dor, imune às memórias, sombrias demais para serem guardadas, agradáveis demais para serem esquecidas.

— Por que você trouxe todos esses livros, Ofélia? Estamos indo para a roça!

A viagem de carro empalidecera ainda mais o rosto da mãe. A viagem e o bebê que carregava na barriga. A mulher pegou o livro das mãos de Ofélia, e todas as palavras reconfortantes ficaram mudas.

— Você já está velha para ler contos de fadas! Tem que começar a descobrir o mundo. — A voz da mãe parecia um sino desafinado. Ofélia não se lembrava desse descompasso quando o pai ainda estava vivo. — Ai, vamos chegar atrasadas! — exclamou ela, pressionando o lencinho nos lábios. — Ele não vai gostar disso.

Ele...

A mãe gemeu, e Ofélia se inclinou para avisar o motorista:

— Pare! — gritou. — Pare o carro. Não reparou? Minha mãe está mal.

Com um tranco, o carro parou, e o motorista resmungou. Lobos: isso que eles eram, esses soldados que as acompanhavam. Lobos que comem homens. Sua mãe dizia que os contos de fadas não tinham nenhuma relação com o mundo real, mas Ofélia sabia que tinham. Os contos haviam lhe ensinado tudo sobre o mundo.

A menina desceu do carro enquanto a mãe cambaleava até o acostamento para vomitar nas samambaias. Elas cresciam densamente entre as árvores, como um oceano de folhas emplumadas de onde cresciam troncos cinzentos que lembravam criaturas tentando escapar de um mundo subterrâneo.

Os dois outros carros também haviam encostado na estrada, e a floresta foi tomada por um enxame de uniformes cinzentos. As árvores não gostaram deles. Ofélia percebeu. Serrano, o comandante, se aproximou para ver como a mãe dela estava. Era um homem alto, encorpado e falastrão, que usava o uniforme como se fosse uma fantasia. A mãe, com seu timbre de sino desafinado, pediu um pouco de água, e Ofélia foi dar uma volta pela estrada de terra.

Água, cochichavam as árvores. Terra. Sol.

Como se fossem dedos verdes, os ramos de uma samambaia tocaram o vestido de Ofélia, que olhou para baixo ao pisar em uma pedra. Era cinza, da cor do uniforme dos soldados, e



estava no meio da estrada, como se alguém a tivesse esquecido ali. Sua mãe estava logo atrás, vomitando novamente. Por que as mulheres ficam enjoadas quando vão dar à luz?

Ofélia se abaixou e pegou a pedra. O tempo a cobrira de musgo, mas no instante em que a menina a limpou, percebeu que era lisa e plana, e que alguém havia esculpido um olho na superfície.

Um olho humano.

Ofélia olhou ao redor.

Só enxergou três colunas de pedra desgastadas, quase imperceptíveis entre as samambaias frondosas. A rocha cinzenta esculpida estava coberta por um padrão concêntrico e esquisito, e a coluna do meio abrigava uma pedra ancestral corroída, com um rosto voltado para a floresta. Ofélia não resistiu. Saiu da estrada e foi até lá, embora seus sapatos já estivessem molhados depois de poucos passos e os cardos se agarrassem a seu vestido.

O rosto não tinha um dos olhos. Como um quebra-cabeça com uma peça faltando, esperando ser concluído.

Ofélia segurou a pedra-olho com força e se aproximou.

Sob o nariz esculpido com traços retos na superfície cinza da rocha, uma boca escancarada exibia dentes ressecados. Ofélia cambaleou para trás quando, por entre os dentes, um corpo alado e fino como um galho se mexeu, estendendo os tentáculos compridos e trêmulos em direção a ela. Patas de inseto saltaram da boca, e a criatura, que era maior que a mão de Ofélia, escalou depressa a coluna. Assim que chegou ao



topo, espichou as patas da frente e começou a gesticular para ela. Ofélia sorriu. Havia muito não sorria. Seus lábios não estavam mais acostumados a isso.

— Quem é você? — sussurrou ela.

A criatura balançou as patas da frente mais uma vez e emitiu uns estalidos melódicos. Talvez fosse um grilo. Era com aquilo que os grilos pareciam? Ou seria uma libélula? Ofélia não sabia ao certo. Tinha crescido na cidade, entre paredes de pedras sem rostos nem olhos. Muito menos bocas escancaradas.

— Ofélia!

A criatura abriu as asas e voou para longe, e Ofélia a acompanhou com os olhos. A mãe estava de pé a poucos passos dali, na beira da estrada, com o oficial Serrano a seu lado.

— Olhe só os seus sapatos! — repreendeu a mãe, com a leve resignação que se tornara frequente em seu tom de voz.

Ofélia olhou para baixo. Seus sapatos úmidos estavam cobertos de lama, mas ela ainda sentia o sorriso nos lábios.

— Acho que vi uma fada! — contou.

É. Era isso. Ofélia tinha certeza.

Mas a mãe não ouviu. Seu nome era Carmen Cardoso. Tinha trinta e dois anos, já era viúva e não lembrava mais como era olhar para qualquer coisa sem sentir medo ou desprezo. Só via um mundo que havia lhe arrancado o que mais amava e que mastigara sua vida, reduzindo-a a pó. Mas Carmen Cardoso também amava a filha, amava tanto que se casou de novo. O mundo era governado pelos homens — sua filha ainda não entendia isso —, e só um homem as manteria em segurança.



A mãe de Ofélia ainda não sabia, mas ela também acreditava em contos de fadas. Carmen Cardoso acreditava no conto de fadas mais perigoso de todos: o do príncipe que a salvaria.

A criatura alada que estava esperando por Ofélia dentro da boca de pedra escancarada sabia de tudo isso. Ela sabia de muitas coisas, mas não era uma fada, pelo menos não como pensamos nas fadas. Só o mestre sabia seu nome verdadeiro, pois, no Reino da Magia, saber um nome era ser dono do destino da criatura que o carregava.

Do galho de um pinheiro, ela observava Ofélia e a mãe voltarem para o carro e seguirem viagem. Fazia bastante tempo que esperava encontrar essa garota: a que havia perdido tantas coisas e ainda tinha muitas outras a perder até encontrar o que era seu por direito. Não ia ser fácil ajudá-la, mas era a tarefa que havia recebido de seu mestre, e ele não deixava barato quando suas ordens não eram obedecidas. Ah, não mesmo.

O carro avançou mais e mais, floresta adentro, levando a garota, a mãe e o bebê prestes a nascer. E a criatura que Ofélia nomeara Fada armou suas asas de inseto, flexionou as patas finas e espichadas e foi atrás da caravana.